

CAPA: Matriz de Botucatu, demolida. À direita a Casa das Meninas, em construção, o Forum já construído e o início da Av. Dom Lucio, onde atualmente se constrói um edifício. Foto de arquivo de Edmilson José Zanin. Trabalho de reprodução fotográfica: Carrega Cine Foto.

ÍNDICE

I - Pequena história da identificação dos vocábulos tupis que originaram o nome "Botucatu".

- a) a identificação em Theodoro Sampaio
- b) a identificação em Prazeres Maranhão
- c) a decomposição dos termos formadores
- d) seria possível decompor ainda mais os termos?

II - O "Y" grego de Anchieta

- a) uma letra para a "idéia" Água
- b) o som para o vocábulo "Água"
- c) as grafias que "Água" recebeu
- d) o "yg" de Anchieta : uma pré-raiz da língua Tupi - representação sintética

III - "Yby": O princípio, a geração, a formação das coisas.

- a) As circunstâncias histórico-sociais que serviram de caldo para a formação dos vocábulos essenciais.
- b) O transcrescimento do vocábulo "yg".
- c) A formação da raiz "Yg-b-yg" - representação genérica.
- d) Os novos conceitos que a formulação de "Yby" expressou
 1. "os primeiros"
 2. "o princípio"
 3. "o ventre"
- e) a terra, o solo - a visão de mundo dos Tupis

IV - O vocábulo "Tú" e seu papel na construção do conceito de "Vento"

- a) A interpretação de seu significado na bibliografia sobre o nome de lugares
- b) O significado básico de "tú" e sua provável formação
- c) O vento: "Ibitú"
- d) Como se estendeu a definição de "ibitú" para "o ar, o clima"
 1. As abordagens do vocábulo "ibitú" e suas definições.
 - na literatura da época da conquista
 - nos estudos sobre o Tupi/Guarani
 2. O emprego do vocábulo ibitú/ygbygtú em expressões do cotidiano indígena.
 - no Vocabulário Guarani de Montoya-1639
 - no Voc. Tupi de Pêro de Castilho-1622
 3. Como poderia ter surgido a interpretação que deu a "ibitú" o significado de "o ar, o clima, o tempo"???
- e) A escolha decisiva feita por Prazeres Maranhão sobre a participação do vocábulo "tú" na formação do nome de Botucatu

V - Catú - A visão predominante e variações de conceito na aplicação

- a) Significações de Catú segundo Pe. Montoya
- b) Catú ao fim do verbo
- c) Catú em palavras compostas
- d) As duas divergências na interpretação de "Catú"
 1. Dr. João Mendes de Almeida : "muito"
 2. O Almanaque de 1920 e a definição de Pe. Estanislau de Campos: "grande ou boa"
- e) Presenças do vocábulo "catú" na literatura do século XVI
 1. Nos escritos de Anchieta
 2. No "Colóquio de Entrada" do navegante francês Jean De Lery
- f) A consolidação da interpretação de Prazeres Maranhão e Theodoro Sampaio: "Catú bem, bom"

1

PEQUENA HISTÓRIA DA IDENTIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS TUPIS QUE ORIGINARAM O NOME “ BOTUCATU ”

a) A identificação em Theodoro Sampaio

A história da identificação dos termos originários para o nome de nossa cidade aponta duas fontes inteiramente distintas. Uma delas, a de Theodoro Sampaio, surgiu no final do século passado, na primeira edição do livro “O Tupi na Geografia Nacional”. Este trabalho faz uma sugestão baseada em pesquisa realizada em documentação do século XVIII, acerca do caminho às minas do Mato Grosso, descobertas em 1719: “em documento de 1772, quando se tratava de assegurar e abastecer a praça de Guatemy na fronteira do Paraguay, já se fazia referencia aos campos do Botucatù, por onde passava a nova estrada do sertão, na direcção daquella praça. A graphia do vocabulo tupi, andava, porém, incerta, escrevia-se Botucatù, Ubutucatù e este ultimo ainda alterado para Wutucatù (1). Mas esta ultima grafia deixa bem perceber que o primitivo vocabulo Ybytu-catù, que quer dizer bons ares, primeiro se alterou para Ubutu-catù, de que, aliás, pela apherese do U inicial se fez “Butu-Catù”. (1)

Aqui, Theodoro Sampaio faz uma identificação direta entre as sobrevivências registradas no documento e os vocábulos originais

do Tupi : Ybytu-Catù. Vai às conclusões sem meio-terminos.

b) A identificação em Prazeres Maranhão

O frei Francisco dos Prazeres Maranhão é considerado o criador ou o pai da Toponímia brasileira. Foi o primeiro a organizar um trabalho sistematizado acerca do assunto (2). Nesse trabalho aponta entre outras coisas a interpretação do vocábulo Botucatu. Dele continuamos a ter apenas citação de outros autores. Imaginamos, no entanto, que, pelo seu zelo, tenha o referido frei trabalhado, com detalhes, a procedência indígena. Ou seja, trabalhado a fundo a etimologia da palavra Botucatu. Buscamos em Azevedo Marques (3) subsídios do trabalho pioneiro de Francisco dos Prazeres. Mas encontra-se ali apenas a interpretação do topônimo: “Botucatu, lugar de bom tempo”. Azevedo Marques trabalhou numa obra extensa, completa para a época, mas não estava elaborando um trabalho sobre Toponímia. Limitou-se a declinar o nome da cidade e seu significado. Não se preocupou com a etimologia, com a busca dos vocábulos originais indígenas, que serviram de base ao

1640 propõe o mesmo. Ele fala: “Ībitú, viento (c.d. Ībĩ, tierra, y tu golpe)...”(7). Para ele, também, a decomposição separa Ībĩ+tú; deixando o vocábulo Catú para aglutinações possíveis. Na mesma página, em considerações para formar novas palavras ou expressões, Pe. Montoya cita ... “Ībitúcatú ” (8). Catú surge agregado à primeira parte do termo.

Assim, tanto para o Guarani como para o Tupi, o vocábulo decomposto seria Yby + tú + catú.

d) Seria possível decompor ainda mais os vocábulos ????

Esse é o limite da decomposição padrão a que se tem chegado até agora. Seguidos estudos têm demonstrado, no entanto, que a aglutinação, método básico da formação da língua Tupi, foi muito mais intensa. Caminhando-se no sentido contrário, num mergulho no passado mais remoto da construção dos vocábulos, constata-se que eles, em si mesmos, podem ser decompostos ainda mais. Mais incrível ainda é que, decompostos, os sinais que surgem mantêm significados próprios, com cargas conceituais primitivas e singulares.

Hernani Donato, em seu “Acheegas...” cita o filólogo Alfredo Martinez como o precursor de uma propositura de decomposição radical para a primeira parte do vocábulo original, que entra na formação do nome da cidade. Teríamos, por ela, a separação de “Yby” em três partículas : y-b-y, com a sugestão de uma substituição de “b” pelo “p”, o que daria para o primeiro dos vocábulos a forma : “Y-p-y”. (9)

Que razão haveria para isto?

Na década de 60 deste século, um professor regente da cadeira de Etnografia e Língua Tupi da F.F.C.L. de Presidente Prudente, Max Boudin, desenvolve uma série de estudos sobre

um dos povos da nação Tupi, os “tembé-ténêthar”, sugerindo ao cabo deles, entre inúmeras coisas, o conceito de pré-raiz para a língua “Tupi” e, a identificação do “y” tupi ou do “ĩ” guarani, como uma partícula individualizada, com som e significado próprios e primitivíssimos (10).

Falando acerca de um exemplo, para o qual escolheu a variação colhida casualmente em duas respostas a definir um mesmo fenômeno: I-pénõng ou I-apénõng, diz... “encontramos a pré-raiz “a” como fenômeno meta estrutural na língua tupi-guarani, através do dialeto tembé-ténêthar, sendo afixo autônomo ou aglutinado à palavra com a qual entrou em simbiose ou acordo simbiótico, dando-lhe assim um novo toque mais complexo e mais determinativo. Podemos assim decompor a palavra em seus elementos os mais simples, até conseguir isolar o símbolo “a”, que guardou ainda todo o seu valor intrínscio primitivo.”(11)

Aí está uma explicação simples mas consistente: O Tupi e o Guarani teriam pré-raízes, embutidas em vocábulos ou não, guardando na prática diária, passada ou atual, conceitos que remontariam a idéias expressas por essas pré-raízes, no momento mesmo em que foram criadas. Partículas simples, monossilábicas, adquiriram status de bastante expressão porque poderiam estar carregando em seu bojo conceituações importantes para entender a composição de vocábulos mais complexos, e revelar seus sentidos mais profundos, suas idéias mais escondidas.

Em seu trabalho Boudin aponta outras pré-raízes da língua Tupi que mereceriam um estudo à parte “pela imensa riqueza de seus derivados” (12). Entre elas “ĩ”, da qual diz ser portadora do conceito “água corrente”; formulação que individualiza e dá ao “yg” de Anchieta ou “T” de Montoya, som e significado próprios.

O entendimento do vocábulo “yg” como

uma partícula personalizada, abriu caminho para se identificar com facilidade os vocábulos construtores de “Yby”.

Y-b-y ou ĩ-b-ĩ já é, de fato, uma construção aglutinadora, que utiliza o recurso da repetição de duas vezes a pré-raiz “yg”. Foi aqui, nesta decomposição permitida pela des-

coberta de Boudin que se isolou e entendeu o que significava sozinho o Yg (Anchieta) ou o Ĩ (Montoya), procedimento decisivo para descobrir que conceitos poderiam estar sendo embutidos em cada palavra que ajudaram a formar.

NOTAS

- 1- O Tupi na Geografia Nacional - Theodoro Sampaio, pag. 103.
- 2- para saber mais sobre o assunto pode ser consultado o fasc. n. 1 desta série.
- 3- Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo - Azevêdo Marques, pag. 147.
- 4- Arte de la Lengua Guarani, ó mas bien Tupi - Pe. Antonio Ruiz de Montoya, pag. 170v.
- 5- Glossário de Palavras Indígenas - Frei Francisco dos Prazeres Maranhão.
- 6- O Tupi na Geografia Nacional - Theodoro Sampaio, pag. 102.
- 7- Arte de la Lengua Guarani, ó mas bien Tupi - Pe. Antonio Ruiz de Montoya, pag. 170v.
- 8- id., ib.
- 9- Achegas para a História de Botucatu - H. Donato, pag. 26
- 10- O Simbolismo Verbal Primitivo - Max Boudin, cap. II, pag. 25.
- 11- Op. cit., p. 26.
- 12- Op. cit., p. 36.

2

O “y” GREGO DE ANCHIETA

Começamos pelo “y” emprestado por Anchieta do grego, para dar ao tupi do Brasil som e significado próprios. Montoya utilizou a letra “i” latina, para as mesmas funções, superpondo-lhe um sinal especial, presente no Latim, chamado braquia, e usado para assinalar a pronúncia breve da letra sobre a qual está.(1) Escreveu “i̇”, para designar a mesma idéia e o mesmo som, para os quais Anchieta escolhera o “y”. A diferença é que trabalhou a língua Guarani.

a) Uma letra para a “idéia” Água.

Para declinar a inclusão da “idéia Água” nas palavras, Pe. Anchieta escolheu a letra grega “Y”, por ser essa idéia expressa no Tupi por um monossílabo com pronúncia especial. Um som primitivo, arrancado com sofreguidão do fundo da garganta, a meio caminho entre o “i” e o “u” latinos, exatamente como a letra grega é pronunciada. Nem “i”, nem “u”.

Estava presente em todas as expressões do cotidiano tupi. Compôs designações para rios, estuários, baías, e acidentes geográficos cuja presença da água ou mesmo da umidade em forma de nebulosidade existia.

São exemplos os nomes “Ygoá-goacú”,

“Ygoá ou Ygoape”. Canais ou braços de rios eram “Ygapara”; canais menores e braços fluviais de pequena capacidade eram “igarapé”; lagoas eram “Yupá”, “Ypaba” ou “Ypá”; aos alagadiços e banhados se dava o nome de “ygapó ou yapó”; brejos podiam ser “tryuca, ou tijuca ou tijuco” e as nascentes eram “Yapi”, mais conforme ao Guarany e “y-apira”, segundo o Tupi. (2)

b) o som para o vocábulo “Água”.

O som expresso era mais ou menos um “âgû”, tirado no fundo da garganta. Pronúncia difícil, caprichosa, primitiva, e tribal.

Mas havia algumas semelhanças com letras de outros idiomas: o “u” francês; a sílaba “ig” dos alemães (u tremado), segundo Auguste de Saint-Hilaire (3); ou o “i” lombardo. Esses idiomas possuíam, todos eles, essas letras, cuja pronúncia assemelhava-se enormemente ao gutural Tupi.

Essa vogal (Y), super especial, porque única, gutural, “...se fôrma na garganta, dobrada a língua com a ponta inclinada abaixo, e lançando o halito oprimido na garganta com um som mixto e confuso entre i e mais u, e que não sendo i nem u, envolve a ambos...” (4).

Em “Vocabulário Nheengatú”, Afonso A. de Freitas diz que ...“também o tupi-guarani para designar a idéia -água-, emite uma voz gutural, modulada entre “i” e “u”, este levemente alterado pela consoante “g”, aproximadamente igual a “ygu”, em pronúncia velada : Padre Anchieta representa-a por “y”, forma que a vernaculização fixou definitivamente em “y”. (5)

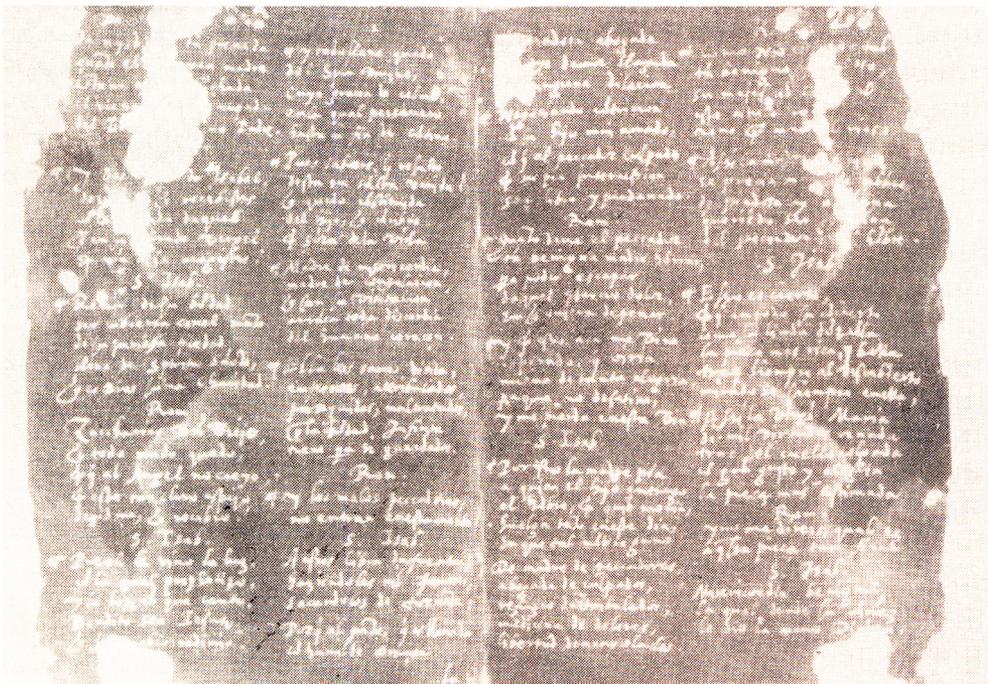
Após esse, um outro som, um ruído, era expresso para encerrar a vocalização toda. O Padre Anchieta encontrou uma forma para representá-lo na sua gramática pospondo-lhe um “g” mudo, de maneira que ao Y tivemos em seguida o “g”: Yg. (6)

“...; fôra disto, o som de y é o mesmo que tem no grego, um som mixto de i e u, miu aproximado do ü (tremado) alemão ou o u francez”. (7)

c) As grafias que “água” recebeu

Representado inicialmente pela construção “yg”, feita pelo próprio Anchieta, o vocábulo monossilábico “Água” pode ser encontrado numa infinidade de exemplos. Para ficarmos com o primeiro trabalho do Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, “Collecção de Etymologias Brasilicas”, citamos: “Yg-tú (Cachoeira), Yg-guassú (Rio Grande), Pirayg (Rio do Peixe), Itá-yg (Rio das Pedras), Jacare-yg (Rio dos Jacarés), Enambú-yg (Rio dos Nambús), etc...”.

As constantes vernaculizações verificadas no curso de mais de 200 anos de história, foram simplificando as normas instituídas pelo jesuíta, de forma que passou-se também a grafar as palavras que carrega-



Doas páginas manuscritas, de Anchieta. Os originais, de um pequeno caderno, estão guardados nos arquivos da Cia. de Jesus, em Roma.

A página 33 deste trabalho há um trecho de seu poema “Pitangü”, no qual dá várias aplicações para o vocábulo “Catü”.

Fonte: “Poesias” Pe. José de Anchieta. Edição comemorativa do IV Centenário de S. Paulo.

vam a idéia representativa de água, apenas com um simples “y”. Caiu assim o emprego do “g” final, e com ele o “ruído” que finalizava o vocábulo monossilábico definido por Anchieta como aspirado e gutural. Do “yg” de Anchieta, o mais comum foi termos uma simplificação para “y”; como em Anhemby(8), Baependy, Boypeba, Mogy ou Moygy(9), Ybytyra, Yby, Ybyepeba (10). Também passou-se a grafar a representação da idéia e do som de água pela inclusão apenas de um simples “i” latino, despido do sinal de pronúncia breve, dado a ele por Montoya.

Muito comum também, para representar o som gutural do vocábulo designativo da idéia de Água era antepor ao “y” grego a letra “h”...“ escrevendo-se Hicatú, agua bôa; Hipanema, agua ruim; Pirahy, rio do Peixe;...” (11). Foi também o que fez o linhagista Pedro Taques de Almeida Paes Leme ao citar o nome da região da serra de Betucatu, dando-lhe a versão “Hybyticatú” (12).

Na verdade o emprego do h, destinava-se a impedir a formação de ditongo nas sílabas finais das palavras, com o claro objetivo de separar as vogais, pois caso contrário...“ assumiria proporções de erro crasso, porquanto, sendo a última vogal das palavras registradas

uma idéia, um monossílabo distinto do nheengatu, ao passo que a penúltima é sempre terminação da palavra anterior, como em piray, rio do peixe, tatu-i, tatu pequeno, etc, seria verdadeiro absurdo a pronúncia, nos domínios da glotologia portuguesa, das duas vogais em uma só emissão de voz” (13). O “h” antes da sílaba final dava som e idéia próprios à ela : Carimbatahy, Parahy, Aguapehy, etc.

d) O “yg” de Anchieta: uma pré-raiz da Língua Tupi - Repr. sintética.

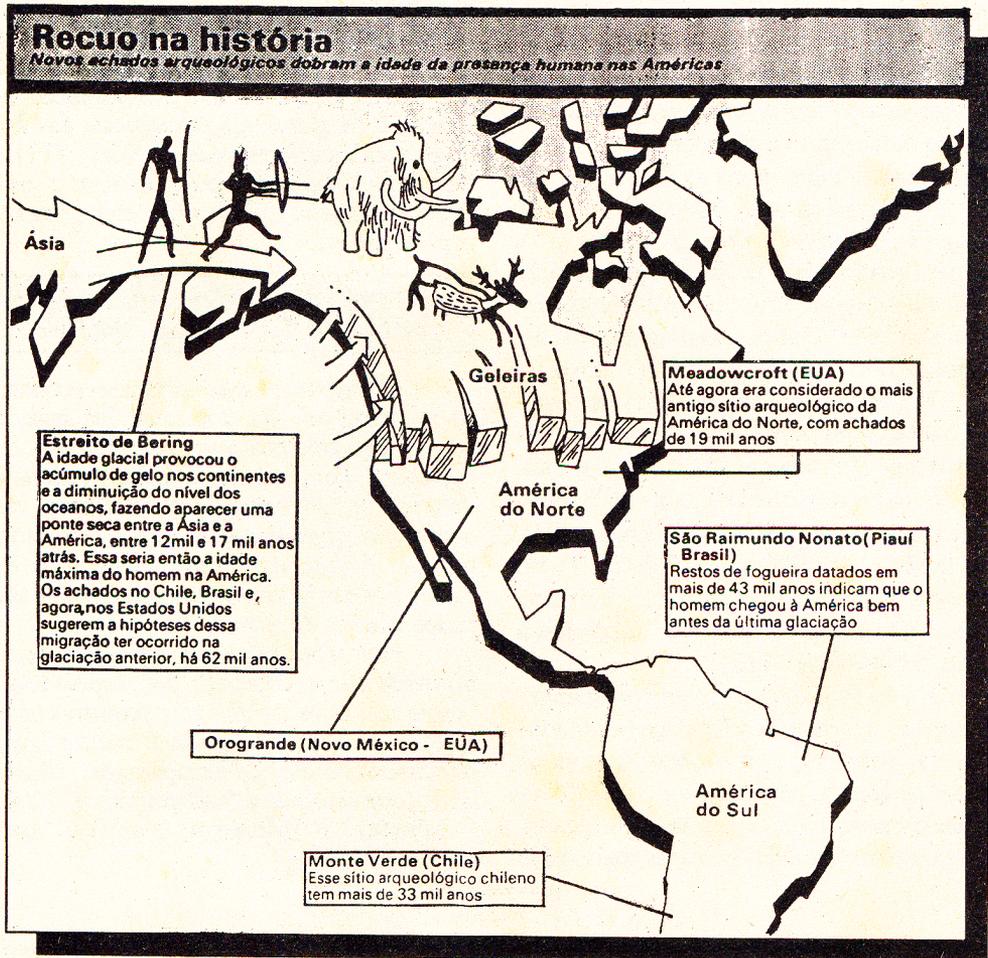
Como vimos anteriormente o conceito de pré-raiz, ou raiz primitiva, foi sugerido para o Tupi pelo professor Max Boudin. Sua proposta foi enxergar nos vocábulos aglutinados, pré-raízes que definissem conceitos mais primitivos, ou seja, idéias originais da língua, estágios embrionários das raízes. Seriam as pré-raízes, matrizes de conceitos básicos da língua.

Nos interessa neste momento deixar afirmado que o vocábulo “yg” representa o “complexo água”, é uma raiz primitiva (pré-raiz), e a idéia que porta é regida pelas circunstâncias em que é empregada. Utilizada de forma isolada a “raiz primitiva” “Yg” (Anchieta), “i” (Montoya), significa “água corrente” (14).

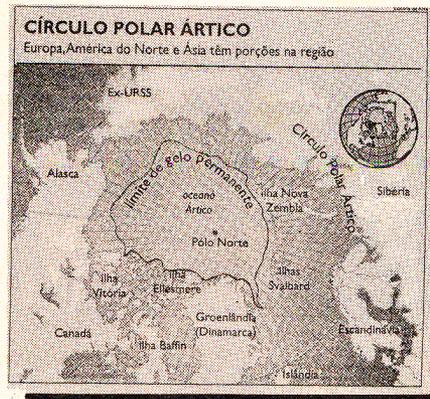
NOTAS:

- 1- “braquia.(do grego bracheia, breve) S.f. Sinal em forma de arco de parêntese (<) colocado horizontalmente sobre uma vogal para indicar que é breve.” Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda, pg. 282.
- 2- O Tupi na Geografia Nacional - Theodoro Sampaio, pag 115 , 116 e 117.
- 3- Viagem à Província de S. Paulo - Auguste de Saint-Hilaire, pag. 227.
- 4- Advertências do Dic. Português Brasileiro-Pe. Antonio de Araújo, in O Tupi na Geogr. Nac. Th.Sampaio, pag 57.
- 5- Vocabulário Nheengatú - Afonso A. de Freitas, pag. 19.
- 6- O Tupi na Geografia Nacional - Theodoro Sampaio, pag. 57
- 7- Id., ib.
- 8- Op. cit., p. 181.
- 9- Op. cit., p. 97.
- 10- Op. cit., p. 62.
- 11- Op. cit., p. 99.
- 12- Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica-Pedro Taques,pg 171
- 13- Vocabulário Nheengatú - Afonso A. de Freitas, pag. 21
- 14- Simbolismo Verbal Primitivo - Max Boudin , pag. 36

AS NOVAS DATAS PARA A PRESENÇA DO HOMEM NAS AMÉRICAS



O desenho ao lado mostra a proximidade existente entre Ásia e América. A expansão da "capa" permanente de gelo, sobre o Polo Norte teria construído a "ponte seca" que permitiu a transferência de populações.



Mapa maior: Ed. Arte "O Estado de São Paulo".
Mapa menor: Ed. Arte "Folha de São Paulo".

3

Yg-b-yg

O PRINCÍPIO, A GERAÇÃO, A FORMAÇÃO DAS COISAS

a) As circunstâncias histórico-sociais que serviram de “caldo” para a formação dos vocábulos essenciais.

Se considerarmos as origens das populações que habitaram a América na fase pré-colombiana e dermos um mínimo de crédito às novas teorias que empurram cada vez para mais longe, no tempo, a ocupação do novo continente (1), admitiremos que esses povos trouxeram ou criaram fonemas remotíssimos para designar idéias simples e primitivas, mas essenciais à sua sobrevivência.

O homo sapiens surge há apenas 50 mil anos, na forma atual, fruto de um salto cultural acumulado nos últimos 2 milhões e meio de anos, e o refinamento da linguagem falada jogou um papel fundamental nisto (2). Elaborar vocábulos primordiais e simples, porém essenciais à vida, foi seguramente um resultado desse salto cultural e determinação da evolução posterior.

Isto não é tão difícil de se imaginar: uma população que começa a lidar com idéias e palavras, vivendo em grupo, trabalha para o grupo um conjunto de convenções para ex-

pressar essas idéias com o fim de suprir suas necessidades. “Em virtude da sua economia mista de coleta e caça e subsequente partilha de alimento, nossos ancestrais Homo tinham necessidade uns dos outros por razões econômicas, e isso apertou ainda mais os seus laços sociais e afetivos. Trocar experiência dentro de um bando cooperativista por intermédio de linguagem evocativa deve ter sido um ingrediente essencial na mistura social cada vez mais rica” (3).

Simple e essencial à vida dos povos, a idéia de “água” deve ter sido uma das que primeiro recebeu uma denominação das populações primitivas. Não estou sugerindo que o vocábulo Tupi “yg” originou-se então ! O vocábulo “yg” é uma construção própria das línguas tupi e guarani, mas, seguramente, uma construção linguística muito remota, nascida no berço das populações ameríndias.

A língua Guayaki, do Paraguai, por exemplo, é definida como uma espécie “proto-guarani”. Estudada há 60 anos atrás, foi considerada “pouco desenvolvida e extremamente simples” (4). Pobres culturalmente, os Guayaki revelavam então uma economia

bastante primitiva. Coletores de produtos silvestres, principalmente o mel, e praticando ocasionalmente a caça, eles foram dominados pelo meio florestal e suas indústrias não alcançam elaboração além de suas necessidades imediatas. Sua língua...“ é um dialeto... ainda pouco desenvolvido, tanto do ponto de vista do vocabulário como do ponto de vista da gramática e da fonética...” (5).

Considerando esses fenômenos o prof. Boudin afirma:...“ O fato linguístico acompanha e reflete fielmente o grau de adiantamento técnico, psicológico ou social do grupo, bem como dá a medida de sua adaptação psicobiológica ao meio ambiente, e possível superação do mesmo” (6).

Ao que parece, a idéia de água e o som escolhido para expressá-la são uma das mais remotas formulações da família-tronco de povos dos quais descendem tupis e guaranis, e sua construção, seguramente, deu-se em passado tão remoto, que a configuração social e econômica desse momento guarda grandes semelhanças com as situações experimentadas pelos primeiros grupos “sapiens”. Um vocábulo da “idade da pedra”, ainda mais se levarmos em conta que, quando se “descobriu o novo continente, o homem americano, considerado em seu conjunto, não havia ultrapassado a cultura neolítica” (7).

b) O transcrescimento do vocábulo “yg”

No curso dos anos, sob uso e difusão, já intensamente manipulado pelos povos ancestrais aos tupis e guaranis, o vocábulo “yg” superou a si mesmo. Foi empregado em construções mais complexas para designar outras realidades. Levou junto sua carga de conceitos, para construir com eles novas definições. A superação dos conceitos de “yg” ocorre então na formulação de uma nova palavra utilizando o mesmo vocábulo, porém descre-

vendo uma nova realidade, natureza ou objeto.

“Yg” deixa de ser apenas a idéia “água”. Ao ser aplicado numa infinidade de novos vocábulos, vai passar a definir uma “cachoeira” como em “Ig-tu”(8), ou “rio”, como em “Ayemby”, do mapa-roteiro de D. Luiz de Céspedes Xéria (1628) (9), ou “baía bem resguardada”, ou “seio de água abrigado”, como em Nitheroy(10).

Em todas essas palavras a agregação vai aglutinando o conceito da presença da água ao lado de características naturais. É água mais queda em desnível: cachoeira. Água mais um vocábulo designativo de nome de algum animal: Iperuig ou Ipirú-yg - Rio do Tubarão, etc. É um recurso bastante simples, sendo suficiente pronunciar lado a lado dois outros vocábulos para dar forma à descrição de outra realidade, coisa, substância ou fato.

c) A formação da raiz “Yg-b-yg” - representação genérica.

No entanto, é ao conceber “yg-b-yg” que os ancestrais dos tupis e guaranis transformam a idéia de “água” e “yg” experimenta um transcrescimento brutal nos conceitos que representa, dando início a uma outra “linha” de palavras : as que portarão a nova raiz “Yg-b-yg” e não mais definirão diretamente a presença do elemento água.

Ao agregar duas vezes “yg”, separados por um som que, tanto Anchieta como Montoya resolveram representar pela consoante “b”, tupis e guaranis já estavam lançando ao uso uma formulação que, portando seu conceito básico de forma implícita, iria representar uma raiz reservada por esses povos para definir a natureza das coisas.

A diferença entre a pré-raiz “yg” e a raiz “yg-b-yg” pode ser definida assim: “Yg” (água) é a pré-raiz simples, primitiva, corres-

pondente à fase cognitiva mais primordial do “povo ancestral dos tupis” que a construiu. “Yg-b-yg” rompe essa barreira monossilábica da língua e reflete o avanço conceitual dela.

Com efeito... “considera-se como raiz tôda palavra formada por elemento sintético, porém, devido a novos surtos simbióticos, estas palavras alcançam noções mais complexas ou genéricas, que chegam, por último, graças ao sistema de afixação, a dar uma representação analítica das coisas.”(11)

“Yg-b-yg” surge diante da necessidade desses povos expressarem idéias e conceitos novos, mais complexos, correspondentes a fases também mais complexas de sua vida em grupo. “Yg-b-yg” nasce como instrumento de um universo de idéias mais elaborado e uma visão de mundo mais sofisticada.

d) Os novos conceitos que a formulação de “Yby” expressou.

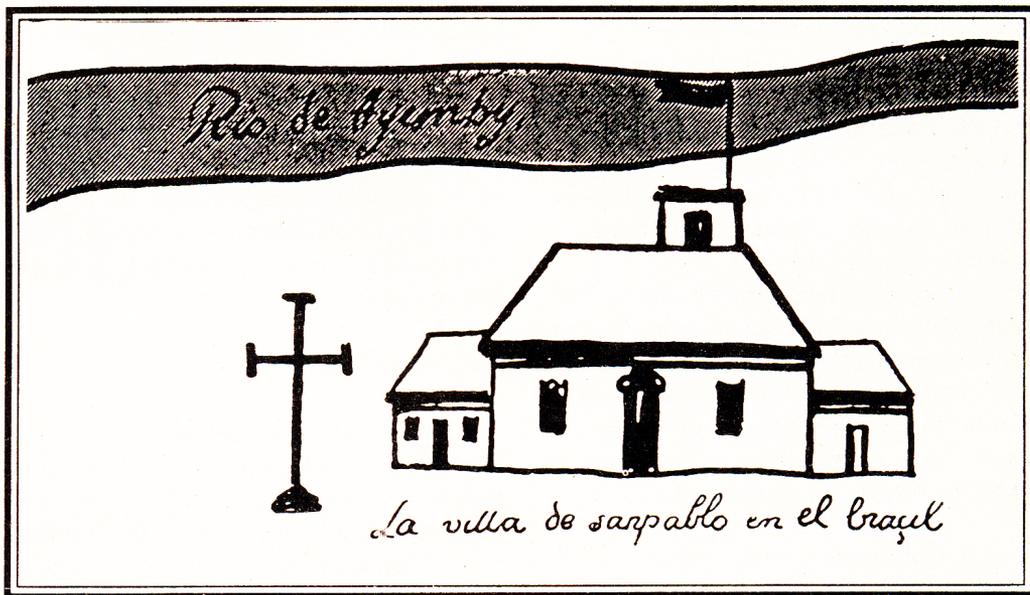
A quantidade imensa de conceitos que Yby ajudou a construir pode ser verificada na variedade de aplicações encontradas tanto nas obras dos jesuítas, como nos trabalhos

contemporâneos.

1. Os primeiros

Ao abordar questões sobre os tupis, em sua História Geral do Brasil, Varnhagem constata que “graças aos mais profundos estudos sobre esta língua cremos haver hoje atinado com a verdadeira significação desta palavra. “Ypi” quer dizer “principio de geração”; e como a letra “i” anteposta a um substantivo, segundo a frase de Pe. Figueira, o faz reflexivo de si proprio, “tupi” vem significar “os da primitiva geração”. Assim, pois, os que se denominavam Typis ou Tupis blasonavam de ser puritanos procedentes da raça invasora”(12).

Esta afirmativa do renomado historiador guarda enorme semelhança com uma outra dada pelo Pe. Fernão Cardim em, “O Tratado da Terra e Gente do Brasil”, onde diz: “Nos nomes de tribos tendo por tema de dedição “tupi” veremos que não deixa de proceder a explicação de “tubyb” “chefe dos pais”, ou tomando-se “yb” como adjetivo, “os pais principais” (13).



Detalhe do mapa-roteiro elaborado pelo capitão-general do Paraguai, D. Luiz de Céspedes Xéna, que viajou do Rio (BR) à Ciudad Real de Guairá, em 1628, passando pelos rios Tietê e Paraná. Ciudad Real del Guairá era uma das principais, senão a principal povoação fundada pelo governo espanhol, em meados do sec. XVI, na região do atual estado do Paraná, a Oeste do Meridiano de Tordesilhas, com o fito de colonizar a área. Ciudad Real e Vila Rica foram centros de referência Não Jesuíta. Ocupadas pelos chamados “encomenderos”, disputaram com os Jesuítas a “mão de obra guaraní”. Fonte do Mapa: No tempo dos Bandeirantes, Belmonte, pag. 279.

Parece mesmo legítimo aceitar como correto que aos Tupis em geral, e a uma provável tribo Tupi em particular (como defendia o prof. Edelweiss), predecessora e fonte das demais, se aplicasse um nome que trazia conceitos explicativos dessa precedência histórica étnica. Os próprios Tupis diferenciavam-se chamando de apenas “Tupis” aos pertencentes do grupo remoto que dera origem às demais gerações.

Esse assunto não fica só nisso. As mais antigas literaturas de relatório (como do Pe. Fernão Cardim) e a literatura de sistematização do tupi (como do Pe. Figueira- 1611), já consideravam que na formação do vocábulo Tupi, entrava a raiz “Ypi”, para definir os que seriam os primeiros, os que deram origem aos demais, bastando o recurso que acrescenta ao “ypi”, o T inicial : “T+ypi”.

Conhecedor profundo da língua Tupi, o Dr. João Mendes de Almeida, falando na introdução do seu Dicionário Geográfico da Província de S. Paulo (14) aponta “ipi, antepassados, t-ipi “tem antepassados”. O que dá rigorosamente no mesmo.

Por fim, a própria língua Tupi possuía uma classificação numeral, identificada desde Anchieta, onde ao primeiro cardinal chamava de “iipé = um” e ao primeiro ordinal de “iipi = primeiro” (15). Pe. Lemos Barbosa confirma em seu “Pequeno Vocabulário”: “primeiro=Ypy”. (16)

É seguro definir para Yby/ibi ou Ypy/ipi uma conceituação, condicionada a determinadas circunstâncias: falando de homens, animais, números, yby ou ipi poderão referir-se à definição de antecedência na ordem das coisas. Serão os primeiros, os anteriores, os que deram origem, os antepassados..

2. O princípio

O conceito de “princípio” está intima-

mente ligado ao anterior. Batista Caetano nos ajuda a entender a conceituação, ao analisar a expressão “princípio do mundo”, assim: “Ar-ïpi = o princípio do mundo, o primeiro dia” (17), em sendo “ ar-ara: dia, tempo, mundo, claridade, época, vida (os dias) e Ypi, os primeiros”(18).

Aqui o conceito de princípio está dado pela presença do próprio “ypy”, carregando para dentro da palavra formada sua conotação de precedência na ordem das coisas, guardando nestas circunstâncias a idéia de que os primeiros fatos originam, produzem, ou seja, dão o início, o princípio. Uma vez mais a mecânica conceitual da língua dá a diretriz para se entender como a mesma raiz pode definir realidades variadas. “Prefigurações de tempo, de vida, de espaço, de calor, de crescimento...originam-se das mesmas pré-raízes...” (19) Os conceitos vão mudando, dependendo da inserção do vocábulo em situações diferentes. O que explica isto de forma categórica é o fato de que as “línguas faladas por povos primitivos, são de tipo interpretativo; ou seja, toda palavra tem um sentido situacional ou circunstancial, dependendo de fatores externos que vitalizam o sentido da mesma” (20)

Dessa forma o vocábulo “ipi/yipi/ibi/yby” representará os primeiros, podendo referir-se a pais ou antepassados (21), ou, se aplicado em circunstâncias diferentes, o vocábulo poderá expressar a idéia de princípio, começo, início.

3. O ventre

Em suas obras o Prof. Max Boudin deixa à mostra que essa mesma relação ideacional permanece viva entre os vocábulos “primeiro e princípio”, no Tupi moderno dos Tembés.

Para designar “os primeiros e o princípio”, essas tribos atuais dos tupis utilizam um mesmo vocábulo: “ ipi ” (com braquia nos

dois is), trocando o b pelo p, segundo registro de Boudin. Usam assim os mesmos sons escolhidos por Montoya e Anchieta, guturais mesmo, apenas optando por consagrar o p em lugar do b (dos Jesuítas) para a palavra “yby,ĩbi”. Deixam às circunstâncias e fatores externos a diferenciação conceitual.

Apesar dessas identidades, o prof. Boudin localiza diferenciações marcantes, significativas, no vocabulário atual dos tembés, em relação ao Tupi antigo, principalmente ocasionadas por práticas fonéticas em transformação.

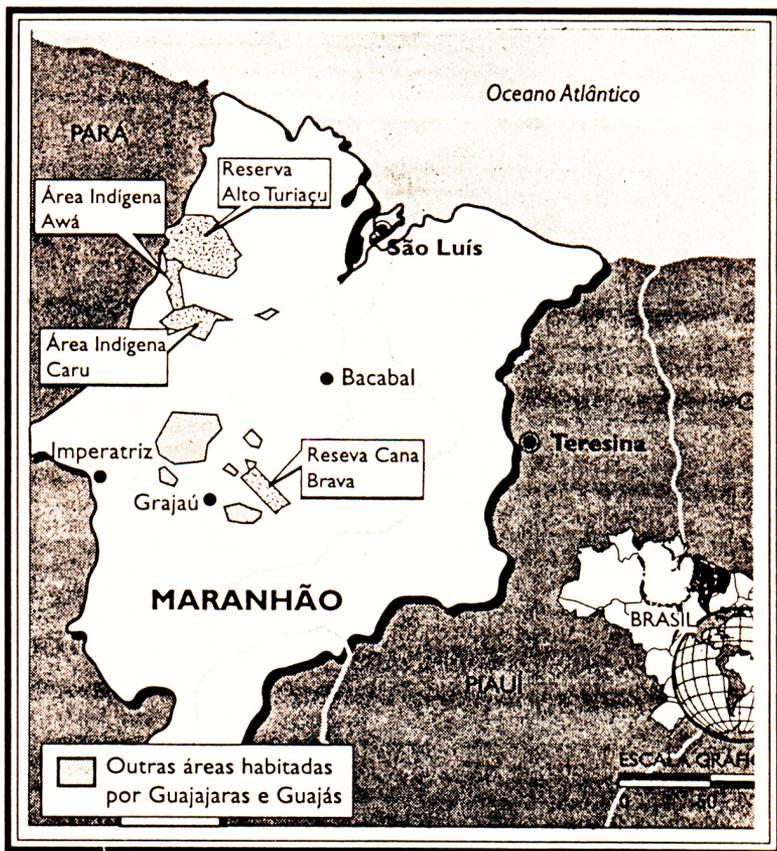
Depois de tanto tempo arrastando-se pelo território nacional, até residir na fronteira oeste do Maranhão, nos dias de hoje, sob constante assédio de ocidentais, que alterações teria o tupi dos Tembés sofrido?

Boudin afirma que houve principalmente uma variação, entre o tupi antigo e o Tupi moderno dos Tembê-Tênêthar, que determinou...“mudanças de ordem fonética no tocante à parte lexicológica...”(22) Ou seja: mudaram algumas formas de pronunciar certas palavras, com nuances novas e mais complexas, que

produziram a construção de novos vocábulos.

Como isto teria agido sobre alguns vocábulos que nos interessam??

O Tembés imprimiram, entre outras, uma diferenciação em inflexões que Boudin representa pelo vocábulo IWI. Interessante é que uma pequena inflexão define “ventre”. É assim : “Iwi”. Aqui os is têm som de “i” latino e o “w”, som de “u”, uma semivogal como em “breu”. Quase imperceptível, destacando-se na pronúncia o primeiro e o último “i”. O “u” pronuncia-se então, de passa-



Localização atual de alguns povos Guajá-Guajajaras. Boudin aponta dois sub-grupos “Tênêthar”: Os Tembés, estudados por ele, estavam na ocasião (1960) à beira dos rios Guamá, Capim e Gurupi, no Estado do Pará. Enquanto isto, o outro sub-grupo, os “Guajajaras”, já ocupava as atuais posições à beira do Mearim, Grajaú e Pindaré, no Estado do Maranhão (Simbolismo Verbal Primitivo, M. Boudim, pag. 86).

Fonte do Mapa: Editoria de Arte da Folha de S. Paulo, 20-09-92.

gem, de forma secundária e rápida.

Um segundo vocábulo usa as mesmas sílabas, mas aparece com uma diferenciação de ordem fonética, apenas fonética, marcada por uso de recursos definidos por Montoya. Vem assim descrito: “Īwĩ”, com braquia nos dois is, portanto para pronúncia entre “i e u” latinos (ver capítulo II deste trabalho) e guturais. Este vocábulo define a idéia de “o solo, a terra”. (23)

Assim, pode-se dizer que a diferenciação está na pronúncia gutural conservada para designar “terra” e na pronúncia tal qual se usa para o “i” latino, para falar “o ventre”. A construção diferenciou-se foneticamente; evoluiu produzindo uma maior complexidade

lexicológica como diz Boudin, ou seja, produziu novas palavras, diferenciadas pela forma de falar. Por alguma razão, perdida no tempo, os Tembés teriam resolvido marcar diferenças da pronúncia para designar mais facilmente o que pretendiam dizer.

Este fato dividiu os vocábulos que temos visto até agora em dois blocos: de um lado, primeiro e princípio (ĩpĩ); e de outro, terra e ventre (ĩwĩ), e mesmo estas últimas palavras diferenciadas também, conforme o explicado anteriormente.

Pode-se imaginar que estes dois conjuntos nada tenham a ver um com o outro. No entanto, não é o que se constata ao trabalhar com o vocabulário de Montoya e as reproduções de Batista Caetano.

As diferenças fonéticas encontradas por Boudin, no Tembé atual, não haviam ainda provocado o distanciamento entre vocábulos, no Tupi ou Guarani antigos. Mas eram menores e deixavam os vocábulos muito aproxima-

dos na grafia e na pronúncia, enunciadas pelos Jesuítas, pondo à mostra os vínculos de origem. Não havia problemas para se referir a qualquer das idéias ou conceitos. Pela sistemática da língua, como vimos, a diferenciação estava garantida pela inserção do vocábulo em frase e circunstâncias próprias.

Uma busca nos estudos de Montoya, Batista Caetano e Max Boudin nos mostra com clareza esses vínculos ideacionais de origem:

Primeiro:	ĩpĩ - guarani moderno (24)
Barriga/ventre:	iwĩ - Dialeto Tembé (25) ibi - Estudos de Batista Caetano (26) ibiy- guarani moderno (27)
Terra:	ĩwĩ - Terra, solo, chão (28) ibi - Terra, solo. Estudos de B. Caetano (29) ĩbĩ - Tierra. Montoya (30)

O fato mais marcante, e que nos interessa agora, é que, a permanência do registro de vocábulos com sons e sinais aproximados, revelados nos estudos, mais do que mostrar a ideia correlata, denuncia que a origem dessas idéias, que se sofisticaram pelo uso, o tempo e a complexidade adquirida pela sociedade Tupi e Guarani, pode ter tido a mesma fonte. Ao querer referir-se a “ventre” os ancestrais mais remotos de tupis e guaranis tinham pela frente a necessidade de criar um “conjunto mais complexo de conceitos”, portador da idéia de “princípio, primeiro, lugar de onde vem, onde nasce, onde começa, fonte de vida”. Teriam lançado mão de um vocábulo, já existente, portador dessas idéias (ypy, ĩpĩ, ĩbĩ, yg-b-yg) e com ele passaram a definir também a idéia de “ventre”, deixando o entendimento garantido pela circunstância na qual o empregavam.

Seria imprudente, considerando o que foi exposto, estabelecer um nexo de relação

entre estas imagens-conceito presentes em palavras como : os primeiros, o princípio e finalmente, o ventre ??? Cada qual, sob detalhes circunstanciais, define uma realidade, que tão bem os povos indígenas sabem distinguir. Afinal, não são os pais os primeiros que geram? Não são os filhos produto dos antepassados? Não será o princípio o primeiro tempo do presente e do futuro? Não será o ventre o lugar do princípio?

e) A terra, o solo - a visão de mundo dos Tupis.

O vocábulo formador de parte do nome da cidade de Botucatu, já identificado como sendo “yg-b-yg”(Anchieta) ou “ĩbĩ”(com braquia nos dois is) (Montoya) é a mesma raiz com a qual tupis e guaranis antigos designavam realidades variadas.

Com efeito, como vimos anteriormente, o vocábulo Yby/ ĩbĩ/ ĩpĩ poderá descrever precedência na ordem das coisas , como em “primeiro”, ou restringir-se-á à conceituação de “princípio, começo, início”.

No entanto, a conceituação de “fonte por onde tudo se origina”, vale dizer, a idéia de “ventre”, muito provavelmente tenha sido a inspiração, e a raiz Yby o veículo, para nomear a existência do solo, da terra.

O exemplo que o prof. Boudin colhe entre os Tembés, nos ajuda a esclarecer isto: “O que lembra para nós a palavra galho, por exemplo? Apenas uma parte de árvore. Para os índios tupi, galho é uma coisa mais objetiva que êles traduzem por ĩwĩra-kãng, decompondo-se em ĩwĩra = árvore, e kãng = osso, esqueleto (o esqueleto da árvore). A palavra ĩwĩra, ela mesma pode ser analisada através de dois conceitos básicos:



Último grupo nômade conhecido no Brasil, os Awás-Guajás, mantêm todas as características dos povos mais primitivos, entre elas o fato de não possuírem cerâmica e viverem principalmente da caça e coleta, para as quais dividem-se em grupos pequenos e padronizados

Tema de reportagem pelo Jornal Folha de S. Paulo de 20-09-92, guardam um parentesco próximo com os Tembés.

Formam com eles o povo Ténêthar. Foto: Folha de S. Paulo.

“ĩwĩ” (a terra) e “ra” (o que se origina); “ĩwĩra” corresponde pois à idéia de : que se origina do solo”...(31)

Se pensarmos de forma inversa, e entregarmos ao vocábulo “yby” a força que os nativos lhe dão, entenderemos que sua função não é passiva. O vocábulo “yby” não adquire força, no imaginário indígena, apenas quando composto a outro vocábulo, que funcionaria como “partida” ideacional para ele. Não! Ele próprio- yby - é portador de um complexo ideacional exclusivo, que lhe confere força, energia e ação. O vocábulo “yby” é que comanda, projetando para dentro da palavra que forma, a idéia que representa. Ele é o eixo da ideação, onde se faz presente! É uma raiz muito forte; uma âncora no léxico tupi. Pequenos vocábulos, apesar de emprestarem seus significados, são “sugados” para gravitarem “dando quase sempre qualificativos” à idéia base que “yby” comporta.

Abrindo-se parênteses, diríamos que para bem entender o significado dos vocábulos indígenas, é forçoso estudar-se antes seu conjunto de imagens/conceito e o resultado que isto deu ao se cunharem palavras e expressões.

O prof. Álvaro José, de nossa Unifac, nomeia as dificuldades criadas por vernaculizações distanciadas do enfoque conceitual e pelo enquadramento do Tupi, segundo as regras gramaticais do Português e do Castelhana, bem como nos indica a rota correta para entender o valor intrínscio dos vocábulos tupis : “Uma das questões mais sérias no que respeita à normatização da língua tupi nos moldes da língua portuguesa (iniciada pela Gramática escrita pelo Pe. Anchieta) foi, a nosso ver, o problema do agrupamento das palavras nativas em classes gramaticais, fato que influenciou largamente o ensino oficial da língua indígena aos nativos. Com efeito, na língua portuguesa, como de

resto, em todas as línguas ocidentais, há uma nítida distinção entre o substantivo, o adjetivo (atributo) e o verbo (ação). Esse fato não ocorre na maioria das línguas indígenas, uma vez que a sua visão de universo faz com que sejam atribuídos aos objetos a noção de vida e de qualidade. Assim, uma pedra tem vida, realiza coisas e possui qualidades.” (32)

Retomando o exemplo de Boudin e utilizando o mesmo raciocínio do Prof. Álvaro José: a palavra “ĩwĩra-kãng” significa galho, como vimos. Mas “ĩbĩra”, que Boudin decompõe em “ĩbĩ-ra”, significa árvore. Mesmo considerando “ra” como o vocábulo portador da idéia “o que se origina”, “yby” surge como fonte geradora, matriz, ventre da natureza, lugar de onde se origina, porque é com ele - ĩbĩ - que os povos tupis imaginam conceituar o lugar de onde a natureza emana suas forças, dando a ele um valor conceitual ativo, vivo, fabricante. A árvore nasce da terra (ĩbĩra), o vento é vento em relação com a terra (ĩbĩtu) e assim por diante.

Isto significa que na formulação ideacional mais entranhada na história e no imaginário dos povos que construíram “Ĩpi”, está dado o desejo de exprimir com o vocábulo, a ação que a natureza atribui ao solo, à terra, de renovação da vida de seres os mais diversos, e também de ponto de referência em torno do qual, tal um eixo, giram os fatos, fenômenos, quer naturais ou sociais.

Tal é a visão de Universo dos primitivos e diante dela, tal é o papel que atribuem a uma parte da realidade palpável, configuração a que chamam de “yb-b-yg”.

Por essa razão para explicar Yby é pouco dizer “terra”. “Se nossas palavras chegaram a ter um valor absoluto analítico, em muitas línguas primitivas as mesmas ainda têm um valor relativo sintético, condicionado às circunstâncias externas, sem as quais o sentido é  demais vasto para poder ser

reduzido simplesmente à palavra correspondente em nossas próprias línguas” (33).

Para entender o que pretendem dizer ao emprestar o vocábulo Yby para definir o fenômeno terra, solo, etc, é preciso mergulhar

no universo do imaginário dos Tupis. A terra é para eles, como de resto para todos os povos primitivos, a fonte mágica da natureza, o gênese do dia a dia. “Yby”, que tornou-se “Bo” na vernaculização, quer significar isto!!!

NOTAS:

- 1- ver “As origens mais remotas dos idiomas indígenas da América”(texto do autor): *Jornal A Cidade*, de 6/5/92, ou “O Homem na Floresta”: *Revista Veja*, 15/01/92, ou “O Homem pré-histórico há 300 mil anos no Brasil” - texto de Maria Beltrão do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - *Revista Geográfica Universal* - jan/fev. 92, pag. 84, ou ainda “Genética mapeia migração humana” *FSP*, 8/8/1993, p.6-15.
- 2- *O Povo do Lago* - Richard E. Leakey e Roger Lewin - pg. 198.
- 3- *Op. cit.*, p. 185.
- 4- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pag. 9.
- 5- *Une Civilization du Miel* - J. Vellard Gallimard - Ed. Paris-1939, pag. 153.
- 6- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pag 9.
- 7- *As Origens do Homem Americano* - Paul Rivet, pag 45.
- 8- *Viagem à Prov. de S. Paulo* - Aug. de S. Hilaire, pag. 226.
- 9- *No Tempo dos Bandeirantes* - Belmonte, pgs. 278,279.
- 10- *O Tupi na Geogr. Nacional* - Th. Sampaio, pg. 182.
- 11- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pg. 41.
- 12- *Hist. Geral do Brasil - Visc. Porto Seguro*, 3.ed., I vol, pg. 18, in *Tupis e Guaranis*, Prof. Frederico G. Edelweiss, Bahia, pg. 33.
- 13- *Tratado de Terras e Gente do Brasil*, pg.271, in *Tupis e Guaranis*, Edelweiss, pg. 33.
- 14- *Dicionário Geográfico da Prov. de S. Paulo* - Dr. João Mendes de Almeida - *Introdução*, pg. XX.
- 15- *Op. cit.*, pags. XII e XIII.
- 16- *Pequeno Vocabulário Português - Tupi* - Pe. A. Lemos Barbosa, pg 168.
- 17- *Vocabulário das palavras Guaranis usadas pelo tradutor da “Conquista Espiritual”*; Batista Caetano: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol VII, Rio, 1879, pg. 49 in *Dicionário de Tupi Moderno*-Max Boudin, 1978, pg.37.
- 18- *Op. cit.*, pgs. 47, 35.
- 19- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pg 34.
- 20- *Op. cit.*, p. 87.
- 21- *Dic. Geogr. da Prov. de S. Paulo* - Dr. João M. de Almeida - *Introd.* pg. XX.
- 22- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pg 86.
- 23- *Dic. de Tupi Moderno*. M. Boudin, pg. 86.
- 24- *Op. cit.*, p. 192.
- 25- *Op. cit.*, p. 352.
- 26- Batista Caetano, obra citada, pg. 189, in *Dic. Tupi Moderno*, M. Boudin, pg.86.
- 27- Max Boudin, *Dic. T. Moderno*, pg. 86.
- 28- *Id.*, *ib.*
- 29- Batista Caetano, obra citada, pg. 189 in *Dic. Tupi Moderno*, M. Boudin, p. 86.
- 30- *Tesoro de la Lengua Guarani* - Pe. Montoya, pg. 170 v.
- 31- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pg 34.
- 32- *Geografia Linguística* - Prof. Álvaro José de Souza, pg 66.
- 33- *O Simbolismo Verbal Primitivo* - Max Boudin, pg 34.

4

O VOCÁBULO “TÚ” E SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE “VENTO”

a) A interpretação de seu significado na bibliografia sobre o nome de lugares.

O vocábulo “Tú”, identificado como formador do termo original indígena (Ibitú) para o nome da cidade, foi sugerido pela primeira vez, por Frei Francisco dos Prazeres Maranhão (1).

Trazido a público, novamente, por Azevêdo Marques (2), o nome da cidade era traduzido por “lugar de bom tempo”, baseado no trabalho daquele frei, “Glossário de Palavras Indígenas”, obra considerada pioneira em toponímia no Brasil.

A decomposição dos termos formadores e o isolamento da partícula “tú”, surge no entanto, como proposta, em Theodoro Sampaio, na virada do século, em seu livro “O Tupi na Geografia Nacional” (3).

Por ela temos que “tú” compõe $\text{ĩbĩ} + \text{tú}$, que terminaria na vernaculização alterando-se em Ubutu, Wutu e Botu. O vocábulo aglutinado carregaria o significado de “Vento, ar, ou clima” (4).

b) O significado básico de “tú” e sua provável formação.

Lendo-se, porém, vocabulários e artes, tupis ou guaranis, “tú” quer significar “tombo, golpe, impulso, queda”. Pe. Montoya diz “ ĩbĩtú , Viento (c.d. ĩbĩ , tierra, y tu, golpe)” (5).

É bem possível que “tú”, em sua construção, tenha surgido da agregação de duas outras idéias ou conceitos. Uma delas é a que aparece expressa pela colocação da partícula “t”, anteposta a um substantivo. Pelas instruções de Pe. Figueira, já expostas no capítulo anterior, colocado assim, “t” anteposto a um substantivo, o faz reflexivo de si próprio” (6). Assim, o substantivo passa à condição dupla de sujeito e objeto da ação. É reflexivo como os verbos: ferir-se, gabar-se, etc. Mas como se trata de substantivo, não reflete sobre si apenas a ação, mas também sua essência, sua natureza, sua condição.

Portanto o substantivo refere-se, determina-se. Como no exemplo: “T + ypy = os primeiros”; os pais principais, os antepassados, os agentes da geração dos Tupis; a matriz étnica, a gem consanguínea originária do povo Tupi.

Em contrapartida o substantivo induzido à condição reflexiva, atribui numa ação iterativa, ao “T” que lhe é anteposto, a condição, quando traduzido ao pé da letra, de poder significar aproximadamente “o que se refere a” ou “o que se relaciona a...”

Um segundo conceito agregado ao vocábulo “t + ú”, é o que expressa a idéia de tombo, queda, etc. A forma escolhida para expressá-lo pode ter sido reproduzir o ruído do impacto, com a partícula “ú”, para criar uma palavra tão primitiva que só pode ser entendida como uma formulação ideacional cons-

truída na aurora da convivência grupal.

Os estudiosos afirmam que os povos primitivos lançam mão de recursos engenhosos para construir seu plantel de vocábulos e expressões. O Dr. João Mendes de Almeida frisa exatamente isso ao pronunciar-se: “Na composição de palavras e nomes póde ser reconhecido o finissimo engenho dos sabios da raça. As fórmas grammaticaes com os tropos e figuras, manifestam a sua eximia perfeição...” (7)

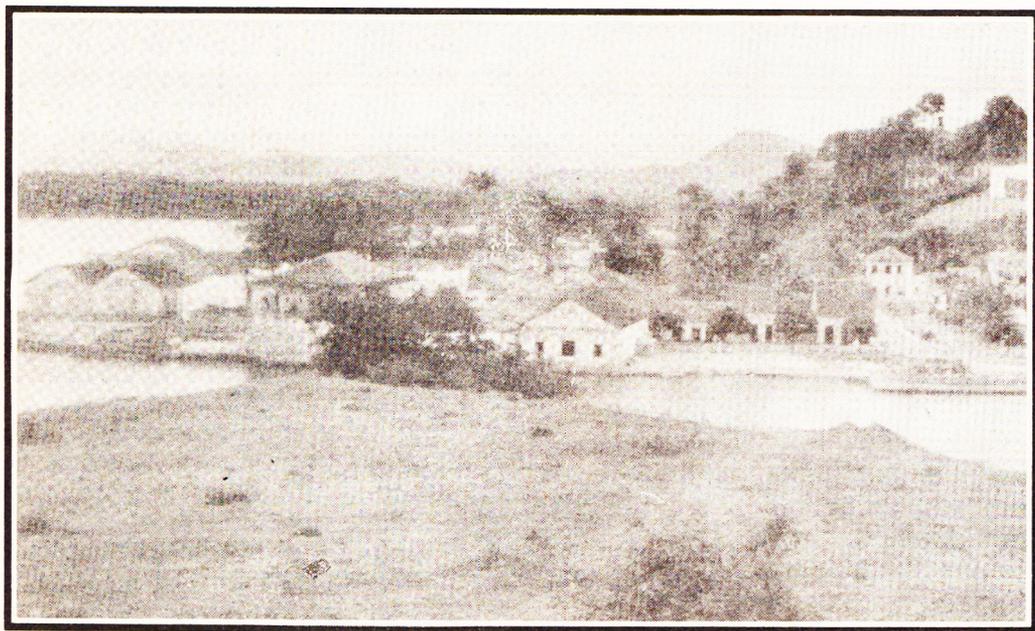
Há exemplos curiosos dessa engenharia linguística: “A repetição de nomes para exprimir abundancia, por frequencia, ou multiplicação, equivalendo a augmentativo, é um recurso gracioso e elegante dessa língua. Ex: piri-piri, juncal grande, extenso; çoohú, animal que morde, çoohú-hú, animal que morde muito.” (8)

Hernani Donato relata no cap. 1 da

última edição do “Acheegas...” uma outra curiosa e estranha fonte da formação das palavras indígenas tupis ou guaranis: ...“ mesmo o estudioso Dominguez de “Raices Guaranies”, aceita *ibytu* como derivação de *pitu*, significando “hálito”, “sopro”. Reforça as afirmações de Smikch quanto à “origem orgânica das palavras que expressam a função respiratória” (9).

Vejamos outro exemplo dessa interessante forma de expressar idéias: O vocábulo “u”, isolado, em variação que Montoya cobriu com acento circunflexo, para aproximá-lo da pronúncia fechada; portanto “û”, significa beber; o ato de beber alguma coisa (10).

Dá para se imaginar que, sozinho, o vocábulo “û” represente alguma idéia; ou, por outro caminho: dá para se ter uma idéia, mesmo aproximada, de como o vocábulo “û” possa parecer-se ou ter alguma proximidade



“Reritiba, atual Anchieta, no Estado do Espírito Santo, é pouco mais que uma vilazinha. Consagrada ao Apóstolo do Brasil e situada junto à foz do Rio Benevente, antigo Reritiba (1), nela se misturam colégios modernos aonde afluem centenas de jovens do Estado e de Minas Gerais, e uma população humilde de pescadores, a transportar, em varas, sôbre os ombros, o produto da pesca rudimentar, sustento de seu dia (2). Sôbre a colina, dominando a praia, vê-se o velho Convento Anchieta, parte da igreja local, consagrada a Nossa Senhora da Assunção (3)”. Texto e foto: 1954, da Comissão do IV Centenário de S. Paulo, do livro de Pe. José de Anchieta, “Poestas”.

ideacional com o ato de beber??? Ou fica mais razoável e fácil entender que “ú” só ganha sentido se acompanhado do “gesto de levar a mão à boca”. Gesto e som completam-se para exprimir a idéia de beber. O gesto seria o recurso, o disparo ideacional. “Ú”, o ato (convite ou comando) que uma pessoa dirige à outra. Como quem diz: beba: Ú, seguindo-se o gesto de levar à boca a mão em forma de concha.

Engenharia linguística extremamente primitiva.

Teríamos então que “t+ú” significaria, a junção destas duas idéias: 1. (t): a idéia de ser relativa a “ú” e 2. (ú): a imitação do som ouvido da própria natureza para dar forma à idéia de impacto resultante de choque. Em resumo: T+ú; o que tem “ú”, ou o que se refere a golpe, tombo, impulso.

Este seria o conceito básico, representado por exemplo na palavra “Itu”, na grafia original “Yg-tú”, que significa cachoeira. É fácil visualizar a figura de “tombo”, “golpe”, da água na queda livre em desnível.

c) O Vento : “Ībitú”

Como teria, no entanto, servido o vocábulo T-ú para designar “vento”? Como teriam surgidos este e novos conceitos derivados indiretamente da noção básica daquele vocábulo? Que significado teria “tú” emprestado ao “yby”, para, numa simbiose conceitual, terem ambos construído a idéia de “vento”???

É muito provável que isto tenha se dado a partir da aglutinação específica com o vocábulo “Yg-b-yg”. Nestas circunstâncias a raiz “Yg-b-yg” exerceria forte ascendência na determinação do conceito de “t-ú”, de certa forma moldando sua idéia inicial, forçando-o a expandir seu conceito, auxiliando-o a deixar de emprestar sua idéia básica e direta. Agregado ao “yg-b-yg”, este serviria de referência,

ponto de eixo, centro, lugar em torno do qual ocorrem, ou surgem, as coisas, e “puxaria” o conceito de “t-ú” para significar o efeito de raspagem, varredura, característica ação do vento sobre a terra. A significação de “vento” seria assim um desdobramento, no plano dos conceitos, da idéia inicial de dizer “golpe”. Uma auto-superação, um transcrescimento experimentado pelo vocábulo “tú”.

Por sua vez ao compor-se com “tú”, “yby” abandona seus conceitos de “princípio e primeiro”, mas empresta ao novo vocábulo sua referência à idéia de ventre, esboçando a formulação ideacional que o universo primitivo faz para a terra, o solo; na visão primitiva “nascente dos fenômenos” e ponto de referência dos elementos da natureza. A combinação opta por escolher a “terra” como referência à ocorrência do fenômeno “vento” e o vocábulo “tú” como fator descritivo de movimento e choque, impacto. Combinados adquirem significações correlatas aos conceitos que originalmente representavam. Porém, diferentemente, consubstanciam a idéia de “vento”, palavra ocidental mais aproximada para descrever o que queriam dizer.

Implícita ficaria a idéia de queda, golpe. Perdida fica a idéia do som, possível mecanismo original para dar forma ao vocábulo T+ú. E intencionalmente expresso fica apenas o conceito já desenvolvido, claramente, de “vento”: Yg-b-yg T+ú.

d) Como se estendeu a definição de “Ībitú” para “o Ar, o clima”

Ībitú, já vimos, quer significar “Vento”, em Tupi e Guarani; nas gramáticas e vocabulários, todos feitos por padres portugueses ou espanhóis, contemporâneos ou não dos primeiros tempos.

Como teria, então, da descrição do elemento natural “vento”, surgido a referência específica ao “ar, o clima”, que serve de substrato conceitual para explicar o nome de Botucatu? Como teriam os tupis e guaranis realizado um rebuscamento ideacional como esse, tão sofisticado para o estágio de desenvolvimento em que se encontravam, de tal forma a que passassem a aplicar a palavra “ĩbitú” também para a “substância do vento”? O que teria levado a que esses povos pudessem identificar realidades físicas tão complexas, dispondo de um suporte científico e tecnológico tão precário?

É certo, sabe-se, que limites para a abstração são realidade em quase todos os povos primitivos. Veja-se este exemplo dado pelo prof. Boudin : “...Claro que conceitos como norte e sul, que requerem uma certa lógica configurativa geométrica, são

absolutamente ignorados entre êstes índios, e seguramente, entre a maioria dos primitivos propriamente silvícolas. Lembrarei a seguir um pequeno fato que servirá para ilustrar as idéias que certos povos primitivos têm a respeito da cosmografia. Indagado onde ficava a aldeia na qual morávamos, meu informante respondeu-me sem delongas: “znê ĩwĩ-mitê-pê za-iko” (moramos no centro - superficial - da terra). Estranhando tamanho etnocentrismo geográfico, e a meu pedido de explicação, o índio, ao qual tinha feito esta pergunta disse-me: o sol não costuma passar todo dia bem em cima da aldeia? Daí pensarmos que os dois conceitos de norte e sul, por serem muito mais abstratos do que os conceitos de leste e oeste, parecem ter nascido entre os povos de savanas ou regiões descampadas, para permitir-lhes melhor orientação - dado precisarem êstes



*Ângulos do Convento onde Anchieta
viveu seus últimos dias.*

Foto: 1954.

“Fundado, diz a tradição, por Anchieta, em 1579, ali passou ele os últimos anos de sua vida. O turista pode, hoje, visitar, com veneração e encanto, a sua cela (4), transformada em pequeno museu religioso mantido pela Companhia de Jesus. Nela se encontram livros, fotografias, selos e medalhas, placas comemorativas, relíquias e objetos relacionados com José de Anchieta. Uma cadeira antiga é tida como sua (5). Numa vitrine, em estôjo de prata, ricamente forrado de veludo rubro, conserva-se um fragmento de osso (6). Sobre uma mesinha, a imagem de Nossa Senhora da Assunção (7)”. Texto e fotos de 1954 da Comissão do IV Centenário de S. Paulo, do livro de Pe. José de Anchieta, “Poesias”.

grupos áreas mais vastas para a caça ou o pastoreio” (11).

Assim, em se falando da construção de raciocínios abstratos, como esse necessário para definir a substância do “vento”, pode-se considerar que tanto tupis e guaranis trabalhavam a identificação do fenômeno “vento”, dando a ele um nome e descrevendo certas de suas qualidades ou características. Tais como vento forte, vento bom, vento grande, como veremos em exemplos mais adiante. Não iam muito além! Supõe-se não tenham criado conceitos para definir realidades como o “ar”. Um acurado estudo do “Tesoro...” de Montoya nos mostra apenas definições parciais para o fenômeno. Ao vê-las constata-se que são todas relacionadas às variações do vocábulo “Pitú”, e feitas por caminhos que se apegam à caracterização do ar “visível”, ou quando esfumaçado, ou em forma de vapor. Daí o uso de “Pitú”.

Isto se reflete nos vocabulários da época da conquista da seguinte forma: Há uma aplicação majoritária de Yg-b-yg-tú/ibitú como definição de “vento”. É o que veremos!

1. As abordagens do vocábulo “Ibitú” e suas definições.

1.1 Na literatura da época da conquista (mantêm-se na definição de “vento”)

- *Pe. Montoya (1639)*
ibitú: viento (c.d. ibi, tierra, y tu, golpe) (12)
ibitúcatú eté, gran viento, y favorable, y fresco (13)
- *Pe. Pero de Castilho (1622)*
Igbigtú - vento como quer
Ipigtuura, I, Iputuura - vento assi bafó continuo ou furacão que chamão (14)

1.2 Nos estudos sobre o Tupi/guarani (amplia-se o conceito para o ar, o clima, o tempo)

- *Gonçalves Dias (1858)*
Ibytu - vento, ar, viração, arrôto (15)
- *Theodoro Sampaio (1902)*
Ybytú, o vento, o ar, o clima, a nuvem (16)
- *Pe. A. Lemos Barbosa (1970)*
ar: ybytu (17)
vento: ybytu (18)
- *Batista Caetano (1879)*
(ibitú: o vento:
idem; Ĩ pitib=halito, sopro d'água, vento) (19)
- *Francisco P. Maranhão*
Botucatu, Lugar
de bom tempo (20)

2. O emprego do vocábulo ĩbitú/Ygbygtú em expressões do cotidiano indígena.

Temos dois bons exemplos de como o vocábulo “ibitú” era visto e usado no dia a dia. Nos dois trabalhos publicados, de Pêro de Castilho e de Montoya, além dos verbetes específicos para Ibitú, também estão “formas de aplicação”, interessantes de apreciar. Em todos, todos, se dá a Ibitu a tradução de “vento”. Vejamos os dois blocos:

● No vocabulário de Montoya-1639 (21)

Ībitúroĩ, viento frio
Ībitúcatú eté, gran viento, y favorable, y fresco
Ībitúai, tempestad
Ībitú amã, L. Ībitú amãnderecô, viento con agua (22) viento con chuva (23)
Ībitúamũ, terremoto
Ībitú piambú, ruido de viento
Ībitúapũã, viento leste (quando corre dizem que es tiempo de sembrar)
Ībitúpitá, viento durable (22)

● No Vocabulário de Pêro de Castilho
(1622) (24)

*Ventar o vento - Apoam ut. Coromo ygbigtû puâmine,
logo ventara o vento*

*Ventar como o furacão continuo q. nunca descança
nem vem de refegas - Xepigtuur Xepigtuurĩ.*

*O mesmo se diz do vento q. continuamente
entra por algũa porta, ou buraco, ou saye delles, e o
bafegar da estocada, ou lançada da barriga. Também se
diz com u. depois do p., ut, Xeputuur.*

3. Como poderia ter-se estendido a
interpretação de Ibitú para
“o ar, o clima, o tempo”?

Existe um caminho que pode ser a explicação para que tantos autores passassem a dar a Ibitú uma interpretação mais ampla.

● Hipótese para O Ar

A interpretação da palavra Ibitú significando também “o ar”, ao invés de apenas “O vento”, como sugerem os primeiros vocabulários jesuítas, pode ter nascido de uma estreita relação que dois outros vocábulos guardam entre si: “pĩtub e pĩtú”.

Essa intensa relação foi explicitada por Batista Cactano no seu “Vocabulário...”, ao dizer que... “Pĩtú”- “pĩtub”, significa bafo, hálito, sôpro, follego): respiração, fôlego, hálito, suspiro, sôpro, bafo, (guar.; pĩtú)” (25).

Considerando-se que “pi” é a forma apocopada de “ipi” (26) pode-se dizer que Batista Cactano considerava “Pĩtú”, o mesmo que “ipĩtub”. Assemelhados os vocábulos, sugeriu serem iguais os conceitos expressados por ambos. Assim, “ipĩtub”, na forma parecido ao Ībitú ou ygbygtú dos jesuítas, transferia seus conceitos a estes últimos; ou por outra, considerou-se serem os mesmos: ĩbitú, ipitub, pĩtú.

Com efeito, o filólogo Dominguez, de “Raices Guaranies”, aceita “ibyťú” como derivação de “pĩtú”, significando “hálito, sopro”. (27) Note-se que já não se iguala “Pĩtú” de Montoya (28) ao “pĩtub” de Batista Cactano. Aqui se vai direto de “Pĩtú” ao “ibyťú”, com Dominguez defendendo a substituição do “b” dos jesuítas pela consoante “p”, o que dava ao vocábulo a forma “ipitú”, relativamente parecida, assemelhada ao vocábulo “Ipitub”.

No entanto num exame mais detalhado, decompondo os dois vocábulos, veremos que ambos guardam raízes com significados conceituais acentuadamente diferentes:

a) “ipĩtub”- ipĩ (i-p-i)+tub, sendo Tub, “pae” e ipĩ, os primeiros, conceitualmente, pais mais antigos, princípio de geração(29). Esta decomposição também explica o vocábulo “Tupi”: Tub + ipĩ.

b) “ĩbitú”- ĩbĩ (i-b-i)+tú, sendo tú:tombo, golpe e ĩbĩ, significando terra, solo.” Ībitú = O vento”

Os conceitos de “ipĩtub” e “pĩtú” igualados por alguma razão, acabam por dar ao “ĩbitú” (vento) a interpretação que na realidade Pe. Montoya dá apenas ao “Pĩtú”. Veja-se como ele elenca e explica variações de “pĩtú” no seu “Tesoro de La Lengua Guarani”:

Pĩtuú, L. Mbituú, descanso (30)

Pỹtũ. n, noche, obscuridad (31)

Pĩtũ- b, l. Mbitũ, baho, calor del fuego, resuello, aliento, vapor.(32)

O Dr. João Mendes de Almeida joga mais lenha nessa fogueira ao trabalhar dois vocábulos em seus Dicionário.(33)

“Botucavarú é corrupção de mbitú-caĩ-harú,
“evaporação que queima e faz damno.
De mbitú, o mesmo que pitú,
“bafo, evaporação”.

“Botucatú... de mbitú, o mesmo que pitú “bafo,
evaporação, calor interior, catú, muito”.

De fato, como vimos anteriormente, Pe. Montoya dá ao “pítú” o significado de “calor del fuego” (34).

No mesmo trabalho em que o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya destaca a “família” de vocábulos “ībī” e designa “ībītú” para significar “O vento” (c.d. ībī, tierra, y tu, golpe) (35), encontramos também as atribuições que o referido padre faz a outro vocábulo: “pítú”.

A este “pítú” dá a significação de: “b.l. Mbītú, baho, calor del fuego, resuello, aliento, vapor”. (36)

Mas não é só!! Utilizando o vocábulo em referência, dá dois exemplos de expressões, para designar a idéia de “ar”. Vejamos:

*Ndipítúcatuŕ, no echa buen ayre
Ypítúrangué ocẽ ypúrurpí, vase todo el ayre por
la rotura del fuelle (37)*

Uma possibilidade para explicar essa disparidade presente no mesmo trabalho talvez seja a seguinte: Montoya diferencia “vento” (para o qual usa “ībītú” e não outro vocábulo) e “ar” (que grafa utilizando “pítú”). Ou seja, sempre que deseja referir-se ao vapor do ar, ou fumaça do ar, às formas visíveis; manifestações de evaporação ou esfumaçamento, usa “Pítú”, e não outro vocábulo.

Só existe uma forma, mostrada por Montoya, para definir a substância do “vento”, o ar. Para tal diz:

*“arapítú”, ayre (38), sendo “Ara”: dia,
tempo, mundo, claridade, idade, vida, e
“Pítú”: vapor, bafo, evaporação (39)*

A palavra combina o conceito de mundo (uma síntese de tempo e espaço: “Ara”), com

a manifestação visível da evaporação (“pítú”). Uma forma canhestra de dizer “ar”.

Mesmo assim há presenças confusas do vocábulo “pítú” definindo, no mesmo dicionário, diretamente “O vento”:

Ypítú etê, echa mucho viento (40)

Em conclusão, supomos que Batista Caetano lançou mão destas interpretações de Montoya para “pítú” e como o julgava “o mesmo” que “īpī+tú”, passou ao “ībītú” (vento) os conceitos que são atribuídos de fato ao Pítú: hálito, vapor, fôlego, respiração, suspiro.

Aproximados os vocábulos pela “forma”, estendeu a atribuição conceitual de “ar” (usado por Montoya para casos de materialização deste em forma de fumaça ou vapor) para o “Ibitú”.

Por último. Talvez toda confusão maior esteja no fato de que Montoya tem em seu livro “Tesoro de la Lengua Guarani” um verbete dedicado ao vocábulo: “Īpítú”. (41)

● Hipótese para o Clima, o tempo

É muito provável que “o clima, o tempo” já tenha sido uma extensão de sentido provocada pela necessidade da interpretação toponímica, quando Frei Francisco dos Prazeres Maranhão desenhou seu ensaio “Glossário de Palavras Indígenas”.

Alí se diz “Botucatu: lugar de bom tempo” (42). É bem possível que a extensão, copiada ao longo do século passado inteiro, tenha nascido dessa necessidade. Frei Francisco teria escolhido uma formulação mais agradável ao vocábulo Botucatu. Como já havia escolhido “Ibitú” como termo indígena originário, optou por trocar, esse é o termo, trocar a tradução literal, ao pé da letra, por outra mais ampla, adequada ao vocábulo todo e à realidade que pretendia descrever: o nome

de um lugar. Ao invés de “vento bom”, escolheu “bom tempo”.

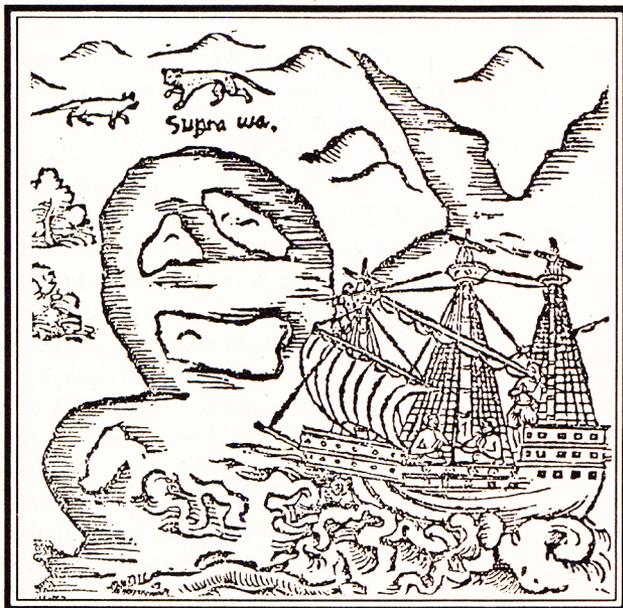
e) A decisiva escolha feita por Prazeres Maranhão sobre a participação do vocábulo “tú” na formação do nome Botucatu.

A escolha feita pelo Frei Francisco dos Prazeres Maranhão foi decisiva e talvez definitiva para a interpretação do nome de nossa cidade. Quem leu o capítulo 2 do primeiro fascículo pôde constatar quão forte foi sua influência sobre os toponimistas que surgiram na segunda metade do século XIX e no começo deste.

Essa escolha, como vimos, se lastrou, aparentemente, na semelhança encontrada por Frei Francisco na abordagem feita por Pe. Montoya em verbete de seu “Tesoro de la

Lengua Guarani”. (43) Ali, à pagina 170 ele declara: “ ...Ībitucatú eté, gran viento, y favorable, y fresco...”.

Escolha tão decisiva permanece até hoje sólida, tendo passado pelo crivo mais rigoroso deste século: o do pesquisador Theodoro Sampaio, criador de metodologia própria para gerar interpretações fiéis e peneirar as distorções que foram sendo criadas sobre este ou aquele nome de lugar. Ou mesmo para resgatar, nas sobrevivências vernaculizadas, o verdadeiro vocábulo originário. (44) Devemos ao Frei Francisco dos Prazeres Maranhão essa contribuição. Sua escolha que recaiu sobre o vocábulo “tú” e sua sugestão de compor “Ībĭ+tú”, para designar a fonte etimológica, deu rumo definitivo à análise e interpretação do nome de nossa cidade.



Chegada da nau de Hans Staden ao abrigo (porto) de Supeaguí, ao norte da Baía de Paranaguá. Nesta segunda viagem ao Brasil, Staden cai prisioneiro dos índios Tupiniquins, contactados em outra expedição pelo navegador francês Jean de Lery, que também publicana Europa um texto-relatório, com seu famoso “Colóquio de Entrada”, uma espécie de diálogo montado a partir de suas conversas com Tupinambás e Tupiniquins. No cap. 5 deste nosso trabalho abordamos o “Colóquio” para discutir a aplicação do vocábulo “Catú”.

NOTAS

- 1- Conferir no Cap 1 deste trabalho.
- 2- Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo. Azevêdo Marques, pg 147.
- 3- O Tupi na Geografia Nacional. Theodoro Sampaio,pg 103.
- 4- Op. cit., p. 102.
- 5- Tesoro de la Lengua Guarani, ó mas bien Tupi. Pe. Antonio Ruiz de Montoya, pg 170 v.
- 6- Hist. Geral do Brasil. Visc.P. Seguro, 3 ed. I vol.pg 18, in Tupis e Guaranis, prof. Frederico Edelweiss. Bahia, pg 33.
- 7- Dic. Geog.da Prov. de S. Paulo, J.M. Almeida, Introd.pg X.
- 8- O Tupi na Geog. Nac.- T.Sampaio, pags. 64 e 65 .
- 9- Acheegas para a Hist. de Botucatu- H. Donato, pg. 26.
- 10- Tesoro de la Lengua Guarani.Pe. A.R. Montoya,95/95v.
- 11- O Simbolismo Verbal Primitivo - Max. H. Boudin, pg. 75.
- 12- Tesoro de la Lengua Guarani - Pe. A.Ruiz Montoya, pg. 170v.
- 13- Id., ib.
- 14- Vocab.na Língua Brasilica- Pe. Pêro de Castilho, pg.425.
- 15- Dicionário de Tupi - Gonçalves Dias, pg 32.
- 16- O Tupi na Geog. Nacional- Th. Sampaio, pg. 102.
- 17- Pequeno Dic. Português-Tupi - Pe. A. Lemos Barbosa, pg 32.
- 18- Op. cit., p. 208.
- 19- Vocabulário das Palavras Guaranis Usadas Pelo Tradutor da Conquista Espiritual- Batista Caetano, pg.196, in Dicionário de Tupi Moderno - M. Boudin, pg. 90.
- 20- Glossário de Palavras Indígenas-Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, in Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo- Azevêdo Marques, pg 147.
- 21- Tesoro de la Lengua Guarani, Montoya, 170/171.
- 22- Id., ib.
- 23- Vocabulário de la Lengua Guarani, Montoya, 508.
- 24- Vocabulário na Língua Brasília,Pêro de Castilho, 425.
- 25- Voc. das Palavras Guaranis Usadas Pelo Tradutor da "Conquista Espiritual", Batista Caetano, pg. 395, in Dic de Tupi Moderno, Boudin,pg. 206.
- 26- Dicionário de Tupi Moderno, Boudin, 192.
- 27- Acheegas para a Hist. de Botucatu, H.Donato, pg. 26.
- 28- Tesoro de La Lengua Guarani - Montoya, p. 301/295.
- 29- Dic. Geog. Prov. de S.Paulo. João M. Almeida,Intr.pg.X.
- 30- Tesoro de la Lengua Guarani, Montoya, pg. 303/297.
- 31- Op. cit. p. 302/296.
- 32- Op. cit. p. 301/295.
- 33- Dic. Geogr.Prov. S.Paulo - João M. Almeida, pg. 39.
- 34- Vocabulário de la Lengua Guarani, Montoya, 132.
- 35- Tesoro de la Lengua Guarani, Montoya, 170/170v.
- 36- Op. cit. p. 301/295.
- 37- Op. cit. p. 301v/295 v.
- 38- Id., ib.
- 39- Vocabulário das Palavras Guaranis Usadas...BC, pg 47, in Vocabulário do Tupi Moderno, Boudin,pg 35.
- 40- Tesoro de la Lengua Guarani, Montoya, 301v/295v.
- 41- Op. cit. p. 302/296
- 42- Glossário de Palavras Indígenas- F. Francisco P. Maranhão.
- 43- Tesoro de la Lengua Guarani, Pe. Montoya, pg 170 v .
- 44- O Tupi na Geografia Nac., Th. Sampaio, pg.172 e seguintes.



Capa e texto do Almanaque de 1920, reproduzido na íntegra pelo botucatuense Armando M. Delmanto, em seu livro Memórias de Botucatu (1990), texto este que comentamos no capítulo seguinte.

— 38 —

ções de Julia de Pax, em uma das legislaturas transactas, fez parte hoje activa do Directorio Republicano, e muito tem demonstrado de quanto é capaz, no terreno dos progressos e melhorias por esta terra, e sua vontade de homem activo e perliuz.

É natural de Tietê, mas o seu amor pelo lorrão querido de seu herco abrange e envolve o em que elle ha tantos annos vive.

Como commerciante, é proprietario da casa mais forte de nossa praça.

Que quer dizer Botucatu?

Botucatu, tornou-se pelo elemento Ibiti-serra, e nos. Assim escreveu o tenente Estanislaw de Camargo, Superior dos Jesuitas no Brasil, morador que foi nesta cidade, na fazenda denominada Santa Ignacia, grande conhedor da lingua gentilica — Ibiti-riodicos. Em 1704.

Appareceu mais tarde a palavra escripta Ju-butucatu, e, depois, Botucata, e, finalmente, Botucatu, como bem nolo observa o Dr. João Nogueira Jaguaribe em um dos seus trabalhos a respeito, dado publico pelas columnas de um dos nossos periodicos.

Botucatu, portanto, quer dizer — serra grande, denominação que traduz fielmente a realidade da nossa natureza.

Dr. Waldomiro de Oliveira
MEDICO
Rua Aurea, 27 — Botucatu

5

CATÚ - A VISÃO PREDOMINANTE E VARIAÇÕES DE CONCEITO NA APLICAÇÃO

a) Significações de Catú segundo Pe. Montoya

A visão predominante, a mais forte e adotada amplamente, considera o vocábulo “catú”, tupi e guarani, como significando “bem ou bom”. Aparentemente resumindo-se a isso, Catú é rico em nuances, conceitos variados e formas de pensamento que assume ao ser utilizado.

Ao abrimos a famosa “Arte” de Montoya (1) nos deparamos com enorme extensão e alcance dessas construções ideacionais, muito mais profundas do que se tem notícia. Em suas próprias palavras, o vocábulo Catú pode querer dizer e representar sucessivamente ...” Catú, Bueno, bien, mas antes, licito, yo si, mejor, mucho, muy, escoger, no sino.” (2)

Procurando explicar-se por exemplos Pe. Montoya dá essas variações conceituais extremamente largas e distantes entre si, para a aplicação de Catú:

1. Bom, bem

*Para exprimir diretamente o conceito de “bom” diz-se no Guarani: “Ayco catú”, estoy bueno
“Ymarângatú catú”, antes es bueno
“Ayapócatú”, hagolo bien (3)*

2. Lícito

*“Ycatú chébe çoo guába”, es me lícito comer carne
“Ndícatulchébe, cheânrehé chemêndá”
no me es lícito casar-me com mi parenta (4)*

3. Escoger, separar

“Ay catúog”, escoger, sacar los mejores (5)

4. Muy, mucho

*“Myriey ngatú”, muy, mucho
“Cheamôtarey ngatú”, es muy mi enemigo (6)*

b) Catú ao final do verbo

1. “Catú, al fin del verbo es comparativo”, diz Montoya:

*“Che arecó catú ychugui”, yo tengo mas que él..
“iyçi catú cheygûaba”, el rio mas cercano
es donde bevo (7)*

c) Catú em palavras compostas.

1. *Catúeté - el mismo, ello mismo*
ex: "Che catú eté ahechag", yo mismo lo vi (8)
2. *Catuobá - (c. d. catú, y hobá, abierto, descombrado, despejado) esclarecer, dar luz...*
ex: "Araycatú obá", día despejado, claro
"Ambocatuobá hupiguâra", aclarar la verdad(9)
3. *Catupiri - Bueno, hermoso, galan*
ex: "Cuñá catupiri", muger hermosa
"Ambó catupiri", hacer-lo bueno, bien, hermohear, engalanar (10)
4. *Catúraé - (c. d. catú, bueno, y raé) el si, ellos si*
ex: "Túpângaturae !" Dios si es bueno ! (11)

d) As duas divergências na interpretação de "Catú".

1. Dr. João Mendes de Almeida opta por "muito".

A obra maior do Dr. João Mendes de Almeida saiu depois de sua morte, em 1902. Foi, no entanto, um dos mais famosos toponimistas, juntamente com Theodoro Sampaio. Sua versão, porém, para o vocábulo Botucatu, é profundamente divergente. Theodoro Sampaio acompanhou Frei Francisco dos Prazeres Maranhão(12). Ao invés do Ibitú deste último, Mendes de Almeida escolhe o vocábulo "Mbitú"; identifica-o ao "pitú", da mesma língua tupi/guarani, com significado de "bafo, evaporação, calor interior". (13) E finalmente traduz o vocábulo assim formado (Mbitú) como "vaporoso"!!!

Inovador por excelência sugere outra interpretação para o Catú. Dá ao mesmo a significação de "muito", ou seja, a presença do "catú", para Mendes de Almeida, acentuaria as características anteriores do vocábulo em que figura. Ficaria assim, segundo sua proposta: "Mbitú Catú": muito vaporoso. Deste Catú acentua: "Este Catú, embora signifique também "bom, bem, licito", serve para superlativo e também para comparativo,

quando colocado no fim do nome ou do verbo, segundo as circunstâncias". (14)

2. O almanaque de 1920 e a definição de Pe. Estanislau de Campos: grande ou boa.

Existe uma pequena citação da definição dada pelo Pe. Estanislau de Campos para o nome da cidade de Botucatu, feita no "Almanaque de Botucatu" de Augusto de Magalhães e publicado em 1920. Essa revista, que foi reproduzida no livro lançado em 1990 pelo escritor botucatuense Armando M. Delmanto (15), entrega uma página inteira à interpretação etimológica do nome da cidade.

Muito embora seja fugidía quanto às origens, a definição de Pe. Estanislau de Campos, enunciada na publicação, adquire importância pela posição que o mesmo ocupava no início da expansão vicentina, qual seja, a de Coordenador da implantação das fazendas jesuítas de Guaireí/Botucatu.(16)

Mais do que isto. O texto que selecionamos do brilhante trabalho da botucatuense, d. Eunice de Almeida Pinto Chaves, dá mostra da convivência rotineira, cotidiana e intensa de Pe. Estanislau, o que deve ser levado muito em conta por quem quer ter o máximo rigor no estudo do tema. O texto: "...de acôrdo com informações dadas pelo Sr. J.N. Jaguaribe, "houve sim, na fazenda de Santo Inácio, doada pelos Bicudos aos padres da Companhia de Jesus, a capela de Santo Inácio, ao Colégio de São Paulo, donde lhe veio o nome; era um aldeamento indígena sob a iniciativa do notável padre Estanislau de Campos, que além das doações..."(17)

Pode-se ver, no entanto, pela reprodução feita à pag. 30, que o Almanaque aponta para "catú" duas interpretações, "grande ou boa" e escolhe, ao final, a que lhe pareceu mais de acordo para a definição toponímica. Na verdade Catú pode significar "muito", no sentido da acentuação de características definidas pela palavra a que está agregado, ou então significar "muito" encaixado numa determinada frase, conforme exemplo já dado anteriormente. Mas para dizer "grande", tal qual nós entendemos, tanto o Tupi ou o Guarani possuíam e usavam variações como : "o

augmentativo é feito com çu, uçu ou aruçu ou mesmo turuçu...” (18). Um exemplo concreto é a palavra “Buturussú”- Serra no município de Itanhaém. Buturussú, corrupção de Ibituruçú, “serra grande”. De Ibiti, “serra”, ruçú, “grande, largo”, precedido de r, por ser necessário na composição da palavra, a fim de separar as duas vogaes. Allusiva a ser extensa, alta e larga”. (19)

e) Presenças do vocábulo “Catú” na literatura do sec. XVI.

1. Nos escritos de Anchieta

Embora não tenham a ver diretamente com a definição do nome de Botucatu é interessante registrar que nas poesias escritas por Anchieta, no seu trabalho de catequese, o vocábulo “catú”, surge com insistente e variada interpretação. Exemplos como os próximos se encontram aos montes em publicações de suas poesias, poemas e peças teatrais:

37. *Oroausúb Katú guitekóbo*
xe rekobé jakatú,
xe jekýime, terejúr
ybaté xe rerasóbo

41. *Amoáé tubixá Katú*
nde resé ojerobyá
Ko xe resóu nde reká,
xe rubĩ, paí Iesu.

45. *Nde rekokatú potá*
aroyrõ xe rekó poéra.
Iporangatú nde réra
Ejort, xe rausubá!

Na tradução:(20)

37. *Amando-te tanto*
durante a minha vida
oxalá, na morte, venhas
buscar-me para o céu

41. *Outros excelentes chefes*
confiam em ti.
Aqui venho eu procurar-te,
meu paizinho, Jesus

45. *Quero tua lei santa,*
renuncio a meus velhos hábitos.
É lindo o teu nome
Vem, meu amor!

São as três últimas estrofes do poema “Pitangã”. Na de número 37 “Catú” vem grafado com K e significa “muito”. Na de número 41 significa “bom, boa ou bem” e na última, de número 45 o vocábulo “Catú”, indiretamente dá uma conotação mista de “lei boa e correta” vale dizer “lícita”, outra significação de “catú”. E no terceiro verso, desta mesma última estrofe, surge nova conformação de “catú”; trocando o c pelo g e composto: Iporan + catú: Iporangatú, com significado de “muito bonito” ou “lindo”. Nova presença de “muito”.

2. No “Colóquio de Entrada” do navegante francês Jean de Lery

O “Colóquio de Entrada” faz parte de um livro editado na Europa pelo francês Jean De Lery que aqui esteve no ano de 1578.

Chamado de “Viagem à Terra do Brasil”, o trabalho transformou-se num testemunho muito forte de como era falado o Tupi da Costa, por essa época. O prof. Plinio Ayrosa a ele se refere : “...De fato, em nenhum outro cronista dos anos afastados em que se iniciava a colonização regular do Brasil, encontraremos elementos tão abundantes e tão curiosos sôbre a chamada língua-geral” (21).

Também sem relação direta e sem querer referir-se ao nome Botucatu, torna-se curioso apontar a aplicação do vocábulo “catú” registrada na “conversa” que o navegante francês manteve com os tupinambás. À frente está uma pequena parte, que pode nos interessar.

Vejam as aplicações que o “Colóquio”(22) dá a Catú:

T-Mobyx távape ririkóni maé?
F-Setá gatú.

T-Nde resenói ichépepe?
F-Ipukupukú éi

T-Iporáng-pe pe retá?
F-Iporáng gatú

T-Ánga jabê peê rók?

F-Oikoé gatú

T-Mará maé?
F-Itá jepé

T-Turusúpe?
F-Turusú gatú

T-Ybaté gatúpe?
F-Matete

-Quantas aldeias existem?
-Muitíssimas

-Não me as nomeará?
-E demasiado longo dizer

-É bonito vosso país?
-E muito belo

-Tem esta aparência vossas casas? (como as nossas?)
-São muito diferentes

-Como são?
-Apenas de pedra

-Grandes?
-Bastante grandes

-Muito altas?
-Altíssimas (esta palavra significa mais que muito, pois êles a tomam por coisa maravilhosa)

f) A consolidação da interpretação de Prazeres Maranhão e Theodoro Sampaio : “catú: bem, bom”

Apesar de tantas tentativas terem empurrado as opiniões para outras definições, acabou vencendo no cotidiano a visão básica, de Prazeres Maranhão e Theodoro Sampaio. É

realmente a mais divulgada e assumida plenamente pela cidade toda como seu “slogan”. Consolidou-se a escolha do “ibitú” como um dos vocábulos originários, como também venceu a escolha que recaiu exclusivamente sobre a primeira atribuição conceitual feita por Montoya a “catú”: bem bom. Deu no amplamente divulgado: “Ibitúcatu = Lugar de Bom Tempo, ... Bons Ares”.

NOTAS

1. Arte de la Lengua Guarani, ó mas bien tupi. Pe. Montoya
2. Op. cit., p. 94.
3. Id., ib.
4. Id., ib.
5. Id., ib.
6. Id., ib.
7. Op. cit., p. 94 v.
8. Id., ib.
9. Id., ib.
10. Op. cit., p. 95.
11. Id., ib.
12. conferir no cap. 2 do primeiro fascículo
13. Dic. Geogr. da Prov. de S. Paulo. JM Almeida, pg. 39
14. Id., ib.
15. Memórias de Botucatu. Armando M. Delmanto, pg. 165
16. Revista Trimestral do IHGB-Tomo LII, 1889 - “A vida do Pe. Estanislao de Campos, biografia de 1765, escrita em Roma, de autoria desconhecida, traduzida do Latim por T. Alencar Araripe, pg. 5
17. O município e a cidade de Botucatu, 1943- Eunice Almeida Pinto Chaves, in Anais do X Congr. Brasileiro de Geografia(1944), pg 613
18. Dic. Geogr. Prov. S. Paulo. J.M. Almeida, Introd. XII
19. Op. cit., p. 43.
20. Poesias, Pe. José de Anchieta. Manusc. do sec. XVI, trad. de M.L. Paula Martins, 1951. Comissão IV Cent.SP.pg 575
21. Viagem à Terra do Brasil, Jean De Lery. Nota Prévia, Plinio Ayrosa, p. 247
22. idem, “Coloquio de Entrada”, p. 261

Composição e Diagramação

Fruse Editora

Rua Fonseca da Costa, 367

Saúde - S. Paulo

276.6322

Editado em Setembro de 1993